

Diversão & Arte

Filme *Corte final*, que abriu o festival de Cannes, audiolivro com histórias de Edgar Allan Poe e interesse internacional pela obra de Zé do Caixão são reveladores da atualidade do gênero

» RICARDO DAEHN

Uma passada de olho na programação de cinema da cidade — que traz em destaque os filmes de suspense *A médium* e *Chamas da vingança* —, opções de leitura como *Últimas memórias de um morto-vivo*, o lançamento de *13 histórias sombrias* (de Edgar Allan Poe) em versão de audiolivro, o interesse internacional pela obra do inventor do personagem Zé do Caixão e mesmo a escolha de filme para a abertura da 75ª edição do Festival de Cannes — o tenebroso *Corte final!* atestam o momento de ebulição da busca por sustos a rodo, por parte do público.

“A sensação de terror está em tudo. Não necessariamente instaurada na pandemia, nos acompanha a todo tempo. Não digo isso na representação de um sofrimento constante, mas de modo mais cínico. O terror está nas atitudes dos governos, está no terrorismo policial, na repressão na forma como o meio social trata a determinadas pessoas. Está em tudo: pessoas, nas ruas, sem casa ou comida”, observa a diretora argentina Agustina San Martín, que, recentemente, alcançou o público brasileiro com o longa *Como matar a besta*.

Antes de ressaltar a harmonia entre frentes belas e as coisas horríveis, como destaca, Agustina centra a atenção no horror — “ele integra a própria vida”. Inspirada em colegas como Pedro Costa, Carlos Reygadas, Nuri Bilge Ceylan e Alice Rohrwacher, Agustina — que, no filme, revela a trajetória de uma jovem que força entrosamento com familiares distantes — traz um clima de mistério — mas com tintas de horror e permanente transe. “A lente pela qual vemos o filme é realmente algo tenebroso, e próxima do terror. Vejo a violência como a do não dito, do silêncio e da quietude. Existe ainda a instância da violência da espera. Quis construir tudo de modo muito sutil”, sublinha Agustina.

Revisões

Remexer situações em que há dose de religião opressiva traz elemento forte para *Como matar a besta*, a exemplo do que abastece a trama de *A médium*, em cartaz na cidade, e que vem puxado pelo nome do diretor: Banjong Pisanthanakun, associado ao sucesso de 2004 *Espíritos* — *A morte está ao seu lado*. A agonia toma conta da protagonista empenhada em salvar a sobrinha de sessões de possessão em que se vê abalada por ostensivo cerco de demônios.

TERROR

EM

ALTA



Detalhe do cartaz de *Corte final*, filme que abriu o Festival de Cannes



Chamas da vingança: mais uma refilmagem de obra de Stephen King



Como matar a besta imprime camadas de terror da cineasta Agustina San Martín

Norte de tendências para o cinema, o Festival de Cannes apostou no lançamento de *Corte final!*, comédia com zumbis assinada por Michael Hazanavicius (há 10 anos, vencedor do Oscar, com *O artista*). Feito há cinco anos pelo japonês Shinichi Ueda, um filme inspira o longa *Corte final!*, que trata dos bastidores de um filme de terror que justamente passa a ser atacado por zumbis.

Três anos depois de *Cemitério maldito*, uma releitura de obra do mestre do suspense Stephen King, mais um filme (já transposto para as telas nos anos de 1980) alcança as telas: *Chamas da vingança*, baseado em *A incendiária*. Com música do cineasta autor de *Halloween*, John Carpenter, o novo longa é estrelado pela jovem Ryan Kiera Armstrong (Charlie, no filme) e pelo astro Zac Efron (o pai, Andy). Numa forma curiosa de aproximação com o público atual, o longa,

Palavra de especialista

“Mojica inventou o cinema fantástico brasileiro. Foi contemporâneo de vários movimentos do cinema nacional — Vera Cruz, Cinema Novo, Cinema Marginal — mas nunca fez parte de nenhum deles. Fez um cinema pessoal é único e criou, sozinho, um dos maiores personagens do cinema de terror no mundo. Mojica fazia filmes brutais e sangrentos, mas era um sujeito dos mais cordatos. Era difícil acreditar que aquele senhor tão calmo fosse o autor daqueles filmes pesados. O personagem que criou, Zé do Caixão, sonhava em ter um filho, enquanto Mojica, seu criador, teve sete.”

André Barcinski, coautor de *Zé do Caixão* — *Maldito, a biografia*

que mostra uma menina com habilidade pirocinética, flerta com filmes da Marvel e afins. Experimentos com carga genética, ocultação de poderes e até mesmo a declaração escancaradas de personagens (“Você, Charlie, é uma superheróina da vida real” e “O poder da garota está só começando”) acentuam a proximidade das fitas de mutantes. Mas o terror dá as caras: uma “coisa ruim” prenuncia a jornada de Charlie que inclui visões de lágrimas de sangue, o bullying de ser chamada de aberração e a perseguição de uma entidade clandestina.

Estampa nacional

Sempre em alta no exterior, *Coffin Joe* — em bom português, *Zé do Caixão* (o icônico personagem de José Mojica Marins, morto em 2020) será tema de audiovisual produzido por Elijah Wood.

Duas perguntas // Diego Rates, escritor

Bebendo do cinema

Estruturas narrativas utilizadas no cinema facilitam a conexão quando o alvo é o leitor, ressalta Diego Rates, autor do livro *Últimas memórias de um morto-vivo*. Entre regras, Diego conta do prazer da ruptura e de buscar uma renovação. “Os filmes mais revolucionários fizeram isso e venho fazendo isso também em minha escrita, pegando inspiração em filmes que são considerados subversivos”, aponta.

Nascido em Belo Horizonte; aos 23 anos, Diego guarda admiração por Machado de Assis, em especial *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas não perde de vista Guerra Mundial Z, que mescla falso jornalismo e relatos do apocalipse zumbi. “Esse universo pode ter uma abordagem bem diferente. No livro, é um dos mortos-vivos que conta a história. Através do seu ponto de vista, somos levados por uma trama trágica-cômica, mostrando os impactos de teores sociais e ambientais”. De olho naqueles “desacostumados com a leitura”, Rates defende uma ação de vanguarda.



Diego Rates, autor de *Últimas memórias de um morto-vivo*

O que move o interesse das pessoas pelo terror?

As pessoas gostam de ler experiências que elas nunca viveram. No âmbito de terror, esperam nunca viver aquilo que leem. A sensação do medo, do arrepio na espinha, tudo isso vem de tempos ancestrais.

Em relação aos efeitos fisiológicos, ele faz nos sentirmos mais vivos, faz o sangue correr mais rápido, a pupila dilatar. Foi o medo que manteve nossa espécie viva até hoje e esse é o principal motivo pelo qual acredito que somos tão atraídos para esse gênero, assim como somos atraídos

por parques de diversão com brinquedos assustadores.

Você tem medo de mortos-vivos?

O ponto de vista de uma história sempre é fundamental para construir o efeito do medo. Um padrão que percebi em histórias do gênero dos mortos-vivos é que eles raramente são o elemento mais assustador. Quem nós realmente tememos são os vivos. E o porquê disso? Porque os mortos não têm motivações. São retratados como irracionais, movidos apenas pelo desejo insaciável de se alimentar. Os vejo como uma força da natureza. Eles fazem o papel da seleção natural.



José Mojica Marins

Com vistas em exibições pelos Estados Unidos, Europa e Ásia, fitas como *A meia-noite levarei sua alma* e *O despertar da besta* têm sido remasterizadas em 4k.

No Brasil, a mostra *O cinema sem medo* de Mojica marcou a recente reabertura da Cinemateca Brasileira, ocasião em que foram projetados o média-metragem *A praga* (1980-2007) e *A última praga de Mojica* (2021), sobre o processo de finalização de um material estacionado na produção e que foi retrabalhado pelo diretor Eugenio Puppo, cineasta que respondeu por mais de 20 mostras no país, entre as quais *José Mojica Marins — 50 anos de carreira*.

“A conclusão de *A praga* foi resultado de um processo de muitas décadas e sua recuperação aconteceu em 2007, quando exibido em duas sessões para convidados”, ressalta Puppo. Quando Mojica morreu, o diretor Eugenio Puppo decidiu aprimorar a versão de *A praga*, em alta definição, e seu relançamento casa com a exibição de um curta, em torno do processo da recuperação. “Tudo dialoga com a própria história de esquecimento, precariedade e abandono do cinema brasileiro. Mojica é um gigante de nosso cinema, um gênio que flertou com o horror, faroeste, policial e erótico. Ele trabalhou por muitos anos para moldar seu estilo, e fez grandes experimentos com a linguagem narrativa, criando cenas surreais, usando posições e movimentos de câmera incomuns”, destaca Puppo. *A praga* foi mostrado em Sitges (Espanha), o maior festival de cinema fantástico do mundo, ao fim de 2021, gerando aplausos e elogios de autenticidade. “O próprio Mojica filmou as cenas necessárias para concluir a história, assim como participou como narrador, seguindo moldes de duas outras versões da obra: em 1967, transformada em episódio da série de tevê e, em 1969, transferida para quadrinhos”, como conta Puppo, que completa — “Mojica criou personagens muito autênticos da realidade brasileira. Foi um dos maiores cronistas das classes inferiores, retratando-a de modo visceral, contundente, agressivo. Seus personagens são movidos por instintos muito básicos, como o sexo, a violência e o recalque”.